

ROGER BASTIDE, FRANCÊS ABRASILEIRADO

GILBERTO FREYRE

Pode-se destacar de Roger Bastide que nele se afirmou de modo notável esta tendência até há pouco tempo pouco francesa: a do sociólogo francês apoiar-se no estudo de recorrências não-francesas para desenvolver critérios e generalizações sociológicas, confrontando-as com exemplos franceses. A tradição deixada pelos Comte e pelos Tarde e pelo próprio Le Play era outra. Outra a tradição deixada pelo sociólogo mais especificamente sociológico que foi Durkheim.

Roger Bastide foi dos que romperam com tais tradições, voltando-se para fenômenos sociais apresentados por populações ou sociedades ou culturas não-francesas. Exóticas, até, do ponto de vista europeu. Exóticas como as sociedades ou culturas africanas ou como a brasileira — inclusive a afro-brasileira. Exóticas e diferentes dos modelos europeus ou franceses e criando, assim, problemas novos para o sociólogo quanto a universalidade ou a validade total de certos fenômenos, acerca dos quais vinham se formando precipitadas conclusões à base de uma exclusiva europeidade.

Este, talvez, o principal valor de sua valiosa contribuição para o desenvolvimento das perspectivas, das pesquisas, das sínteses, dos estudos sociológicos, nos últimos decênios. E a nós, brasileiros, é grato assinalar que para atingir essa amplitude de visão concorreu de modo nada insignificante seu contacto de modo algum turístico, antes demorado e aprofundado em várias áreas de estudo, com o Brasil. Foi um contacto em que aos sociólogos do tipo convencional se ligou, de modo a princípio pouco ostensivo, o antropólogo social e cultural que nele sempre existiu, guardando-o de conclusões precipitadas e dando-lhe um gosto especial à análise de particularidades, de peculiaridades, quase se pode dizer que de singularidades. De singularidades psico-sociais.

O contacto de Roger Bastide com o Brasil foi, assim, extremamente importante para a sua sociologia — para o seu modo de ser sociólogo — e através de sua obra e do seu exemplo de mestre de várias gerações — inclusive na Sorbonne, na França — do seu ensino. Ele comunicou a não poucos dos seus compatriotas e, mais do que isto, a não poucos europeus e até americanos do Norte seus contemporâneos, uma preocupação seriamente sociológica pelos fenômenos não-franceses, não-europeus, até, de vivência e de convivência humana susceptíveis de ser analisados e in-

terpretados sociologicamente através de critérios novos. Ele deu ao exótico um novo sentido: humanizou-o.

Daí a importância dos seus estudos de temas brasileiros e afro-brasileiros e africanos. Bastide foi dos que mais fizeram para dar a esses temas validade universal do ponto de vista sociológico. Sociológico ao mesmo tempo que antropológico. Significativo é o fato do último dos seus trabalhos mais importantes intitular-se *Anthropologie appliquée*. Não *Sociologie* mas *Anthropologie appliquée*. E de nele destacar seu interesse pela obra de um seu colega brasileiro que vinha já realizando estudos sociológicos sobre base antropológica e juntando as duas perspectivas.

Independente no seu modo de ser, quer pensador, quer cientista social, não hesitava em ultrapassar preconceitos de *direitismo* ou de *esquerdismo*, para situar-se em posições desprendidas de sectarismos ideológicos. Daí ter sabido reconhecer a importância da perspectiva lusotropicalista, sugerida por brasileiro, na qual ao lado de uma aplicação possivelmente política enxergou validade científica, salientando-a e proclamando-a. Ponto a que se voltará a tocar nestas notas sobre um sociólogo francês que se tornou também uma figura notável entre os sociólogos estudiosos de assuntos brasileiros e afro-brasileiros e intérprete de situações sócio-culturais e psico-sociais características do Brasil: inclusive, como o cafuné, da formação patriarcal e escravocrática da nossa gente.

Quanto a mim, não posso esquecer nunca que foi o tradutor — tarefa difícil — do livro *Casa-Grande & Senzala*. Essa tradução, que se seguiu à espanhola e a em língua inglesa — ambas bem realizadas — foi a que atraiu para a obra brasileira, tão diferente das convencionais, a mais aguda, mais penetrante, mais idônea crítica literária e de idéias. Verdadeiros estudos, analíticos e iluminantes, como o de André Rousseau, no *Figaro*, como o do existencialista Jean Pouillon, como o de Roland Barthes, como o de F. Braudel, como o de Jean Duvignaud, como o de Georges Baladier, como o de Lucien Febvre, como o de outros tantos, críticos importantes e até mestres. A todos se antecipou, em comentário de-veras magistral à obra do tradutor, seu egrégio prefaciador, Mestre Lucien Febvre, que lendo os seus originais, impressionou-se. Mas não sem notar que o seu colega Roger Bastide, de tal modo se identificara com a obra traduzida, que a transpusera não para um puro francês mas para um francês aporuguesado ou abrasileirado.

Pode-se estender o reparo do velho mestre do Colégio de França que foi Febvre e dizer-se que não só neste particular, como em conjunto, Roger Bastide, depois do seu contacto com o Brasil, tornou-se um sociólogo abrasileirado. Nos seus estudos sociológicos pós-brasileiros se encontram não poucas marcas do seu abrasileiramento. Ou do seu afro-abrasileiramento. Nunca mais voltou a ser um puro sociólogo europeu ou um puro sociólogo francês. Foi pelo resto da vida — tão fecunda —

um sociólogo francês abrigado de maneira a, diante de tantas coisas, não parecer sociólogo francês. E como tal, deve ter escandalizado alguns ortodoxos mais estreitos da sociologia francesa.

Entretanto, dessa sociologia — a francesa — é que ele como professor da Universidade de São Paulo — que tanto lhe deve — trouxe sugestões, perspectivas, métodos que comunicou a discípulos, depois sociólogos ilustres. Na história das relações intelectuais do Brasil com a França, pode-se dizer que ninguém excedeu Roger Bastide na promoção de um proveitosíssimo intercâmbio de influências e de uma fecunda interpenetração de valores.

Por isto mesmo, é uma figura, a sua, que o Brasil não deve esquecer mas ser grato ao muito que ele fez para, ao fundar-se a hoje histórica Universidade de São Paulo, enriquecer a cultura brasileira. Enriqueceu-a através dos livros, alguns notáveis, que escreveu, sob o estímulo de sua condição de professor da mesma Universidade de São Paulo. Enriqueceu-a através do seu ensino nessa Universidade. Enriqueceu-a orientando para o estudo de assuntos brasileiros, alunos seus, na Sorbonne, como Mlle. Callier, durante dois anos estagiária, a pedido seu, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, e a quem se deve estudo tão valioso sobre a posição da mulher em fase de transição sócio-econômica no Nordeste.

Nenhum intelectual francês em Paris que, durante a sua longa fase de mestre da Sorbonne, fosse mais do que ele um embaixador cultural do Brasil junto a França. Contribuiu para que se realizasse no Castelo de Cerisy, na França — o castelo de Mme. Hourgon Desjardins — uma semana consagrada à análise e à interpretação da obra de um seu colega brasileiro, numa série importantíssima de seminários.

Entre os antecessores do brasileiro, Heidegger e Toynbee. Participantes do seminário foram algumas das figuras mais significativas de sábios europeus, de mestres da Sorbonne como o filósofo Gouhier e o sociólogo Gurvitch, o sociólogo Nicolau Sombart, o sociólogo Trapero, espanhol, o historiador Bourdon — como Roger Bastide, da Sorbonne — Clara Malraux, Jean Duvignaud. Roger Bastide foi dos que, nessa semana de duas reuniões por dia, mais comentou a obra do colega brasileiro, considerada digna de ser objeto de seminário internacional tão importante na Europa. Indignou-se com a nenhuma repercussão intelectual do acontecimento no Brasil. E como francês abrigado chegou a comentar irônico em conversa com um brasileiro: "O Brasil tem coisas que mesmo eu, tão brasileiro, não compreendo". Na verdade, compreendia tanto os defeitos como as grandezas de um Brasil que amava, compreendendo-o e às vezes não chegando a compreendê-lo. Mas sempre amando-o.

A presença de Roger Bastide nos estudos afro-americanos que, com o impulso que tomaram no Brasil na décadas 20 e 30 — sobretudo com a realização pioneira no Recife do 1.º Congresso de Estudos Afro-Brasi-

leiros — encontraram no Brasil o país líder que lhes faltava, seu renovador em profundidade, seu ampliador além de indagações folclóricas, por um lado, e de pesquisas principalmente médico-legais, do tipo das do magistral Nina Rodrigues, por outro — com o negro considerado inferior e socialmente patológico — é uma presença que situa o sociólogo-antropólogo francês entre os maiores africanologistas de todos os tempos. Ele e Pierre Verger — amorosamente tão ligado à Bahia e tão conhecedor de segredos afro-brasileiros — são dois pesquisadores franceses inseparáveis do desenvolvimento que tomaram, no nosso País, os estudos afro-brasileiros. Autores de obras notáveis escritas tendo sempre, cada um deles, o Brasil na sua simpatia e na sua compreensão: a profunda compreensão, a que chegaram, das íntimas ligações psico-sociais e psicoculturais, além de étnicas, do Brasil com as Áfricas. Com várias das Áfricas, nenhum deles tendo aderido ao conceito de uma África negra, monolítica e única, que na realidade não existe e parece nunca ter existido.

Quando Roger Bastide aceitou de um colega brasileiro de quem sempre esteve próximo por afinidades intelectuais, o conceito do “lusotropicalismo”, atribuindo-lhe — repita-se — inteira validade científica, é que o seu conhecimento das várias presenças européias nas diversas Áfricas negras, permitia-lhe discriminar não só entre essas Áfricas como entre as várias formas de abordagens européias, em diferentes tempos sociais e nas motivações por vezes antagônicas, a gentes africanas e às suas culturas. Dentre essas abordagens, a lusitana — pioneira: tendo madrugado na África como no Oriente no século XV — distingue-se pela maior capacidade de portugueses como europeus não de todo europeus, de se misturarem com as gentes de cor e nada européias nos seus característicos principais. Daí terem se integrado quase sempre no strópico africano, e, em vários casos, também quase se deseuropeizado por amor físico, volutoso, até, em não poucos indivíduos, quer desses trópicos, quer daquelas gentes. Amor físico a que quase sempre se juntaram outras espécies de amor, completando a identificação, em inúmeros casos, de lusitanos, quer com a gente negra, quer com o trópico, resultando dessa identificação não só tipos luso-tropicais de pessoas físicas — e de culturas, como formas novas, mestiças, de uma terceira cultura. O conceito de luso-tropicalismo se enquadra dentro de uma Hispano-tropicologia e, de modo geral, de uma Tropicologia, em desenvolvimento no Brasil — há na Universidade Federal de Pernambuco um Seminário de Tropicologia — que mereceram a simpatia de Roger Bastide e o seu apoio de cientista social que sempre fez questão de ligar a essa sua ciência seu humanismo. Foi esse — a necessidade de um humanismo científico — um dos temas que mais lucidamente versou no Seminário de Cerisy, ao comentar a obra do colega brasileiro, a seu ver, representativa daquele tipo de humanismo: o científico.

Humanismo que foi o seu, nos mais expressivos dos seus trabalhos. Humanismo que anima sua ciência de perspectivas filosóficas: de antropologia filosófica. Também de perspectivas quase estéticas.

Quem ler o quase último dos seus trabalhos — essa obra fascinante que é *Anthropologie Appliquée* — encontra nele a afirmação de uma filosofia que só poderia ter se desenvolvido no mestre já glorioso da Sorbonne que ele era então, como humanismo científico parente do que encontrara em colega brasileiro de sua particular simpatia. Nem seria possível outro Roger Bastide. O cientificismo absoluto teria que repugnar a quem, como ele, admitia um método “poético” de indagação, de descobrimento e de conhecimento da realidade humana — da realidade social — como o que destaca em certas abordagens de assuntos complexos, daquele seu colega brasileiro de quem seria o heróico tradutor para a língua francesa.

Compreende-se assim que a Sociologia da Arte e o que hoje se denomina Sociologia da Literatura e até — ousou sugerir — a Sociologia da Biografia, como criação principalmente brasileira, fossem alvo de estudos sociológicos de particular interesse desse sociólogo sensível às artes e, ainda mais, às letras; e preocupado em interpretar personalidades representativas dessa conexão em suas interpretações sociais. Daí o seu estudo do poeta brasileiro negro — poeta brasileiro negro e de modo algum poeta negro ou sequer “negro brasileiro” no mesmo sentido em que há nos Estados Unidos um “negro americano” — Cruz e Souza. Nesse estudo, às páginas magistrais de Sociologia da Literatura juntam-se intuições de psicólogo e de sociólogo da biografia: intuições que só poderiam ter ocorrido a quem tivesse adquirido das letras brasileiras e da presença de brasileiros descendentes de negros, nessas letras, um íntimo conhecimento. O mesmo íntimo conhecimento de situações especificamente brasileiras que marca sua obra-prima, nunca por demais louvada, *Psicanálise do Cafuné*.

Morto Roger Bastide, o Brasil está na obrigação de recordar-lhe sempre a personalidade e a obra. Pois foram a personalidade e a obra de um francês que, no Brasil, adquiriu uma segunda natureza: a de brasileiro. Uma segunda visão do mundo.

Dizia a viúva do sábio geólogo norte-americano John Casper Brainer que o esposo de tanto se integrar no Brasil para compreendê-lo, dada sua especialidade de geólogo, como terra, se desamericanizara; e acabara preferindo a própria comida brasileira à do seu país de origem. O mesmo poderia ser dito de outros cientistas estrangeiros após os seus contactos brasileiros, com relação às suas terras: seriam homens para sempre marcados pela sua identificação com valores, gostos, hábitos brasileiros por eles adotados como quem aderisse a heresias volutuosas. São casos em que à ciência trazida por tais homens de estudos se têm acrescentado a vivência. E com a vivência, a convivência. O conhecimento intenso e até sensual de exotismos do ponto de vista de estrangeiros como os europeus.

Foi eminentemente o caso de Roger Bastide. Tendo vindo jovem para um país tropical, sob vários aspectos tão diferente do seu, aqui encontraria gentes e paisagens que lhe completariam as trazidas da França

amada. Assim empático, além de simpático, em face de tais exotismos, pôde realizar com material e temas, crespamente ou melifluamente brasileiros, uma extraordinária obra de sociologia compreensiva e até participante. Em não poucos assuntos, sua compreensão e suas interpretações do Brasil excederam a compreensão e, em autenticidade, as interpretações de sociólogos e antropólogos brasileiros natos porém desviados de um conhecimento direto e empático de sua gente pela sua adesão excessiva a teorias, doutrinas, ideologias estrangeiras — Comte, Le Play, Durkheim, os norte-americanos, os alemães — e que não conseguiram nunca reinterpretar o Brasil, adaptando-as à sua experiência e à sua vivência de brasileiros. Temiam se afastar daqueles modelos ilustres. Copiando-os passivamente. Seguindo-os indiscriminadamente.

Sabe-se que a sociologia sistemática no Brasil começou com brasileiros que na Europa se fizeram discípulos do insigne francês Augusto Comte, o criador do Positivismo. Desses discípulos brasileiros de Comte, qual deles nos deixou uma obra semelhante em empatia e em compreensão do Brasil às sempre penetrantes e autênticas de Roger Bastide? Parece que nenhum. O que eles fizeram foi adquirir o conhecimento do Positivismo na Europa e à base de situações européias. Suas adaptações desse *ismo* europeu do século XIX raramente atingiram qualquer aspecto da realidade brasileira, esclarecendo-a. Houve gente ótima entre os discípulos brasileiros de Comte. Mas não como autores do que Roger Bastide chamava sociologia ou antropologia aplicada. Neste particular, o Brasil é devedor aos Bastide, pelo que aqui viram com olhos livres de livrescas ideologias. Diretamente. Empaticamente. Compreensivamente.

ROGER BASTIDE, A BRAZILIANIZED FRENCHMAN

In his present article about the late french sociologist Roger Bastide, Gilberto Freyre, a well-known Brazilian sociologist, reminds us that Bastide was one of the first in his country to worry about the non-European social phenomena.

Emphasizing, on the other hand, Bastide's position as a translator into French of his work Casa Grande & Senzala, Gilberto Freyre makes evident the great services rendered to Brazilian culture by the deceased writer who was changed into a "cultural Ambassador of Brazil attached to France". And he adds, in another part of his article: "With the death of Roger Bastide, Brazil is obliged to remember his personality and his work forever. For it was the personality and the work of a Frenchman who in Brazil achieved a second nature: that of the Brazilians".

ROGER BASTIDE, UN FRANÇAIS BRÉSILIANISÉ

Dans son premier article sur Roger Bastide, Gilberto Freyre, célèbre sociologue brésilien, rappelle que celui-ci fut l'un des premiers dans

sa patrie a se préoccuper, a un haut degré, des phénomènes sociaux non-européens.

En rehaussant la position de Bastide comme traducteur français de son ouvrage Casa Grande & Senzala, Gilberto Freyre met en évidence les grands services rendus à la culture brésilienne par l'auteur disparu, que s'est transformé en "un ambassadeur culturel du Brésil, attaché à la France". Et il ajoute dans une autre partie de son article: "Roger Bastide mort, le Brésil se trouve obligé de se rappeler toujours sa personnalité et son oeuvre, car ce sont la personnalité et l'oeuvre, d'un Français qui, au Brésil, acquit une deuxième nature: celle des Brésiliens."